

ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS ASSENTADOS DA REGIÃO DE ANDRADINA, ESTADO DE SÃO PAULO¹

Antonio Lázaro Sant'Ana²
Maria Aparecida Anselmo Tarsitano³
Carlos Augusto Moraes e Araújo⁴
Elaine Mendonça Bernardes⁵
Sílvia Maria Almeida Lima Costa⁶

1 - INTRODUÇÃO

Este artigo origina-se de duas pesquisas realizadas em oito assentamentos da região de Andradina (SP) que estudaram experiências de produção e de comercialização e têm contribuído para a realização dos projetos de vida das famílias assentadas, seja por meio do aumento da renda, seja por meio de outros fatores que, na percepção dos produtores, resultaram na melhoria de seu bem-estar. Este artigo realiza uma caracterização geral das famílias, da produção e da comercialização dos assentados e analisa as principais estratégias adotadas pelos produtores.

2 - PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DOS ASSENTAMENTOS RURAIS

A ampliação do número de assentamentos a partir de meados da década de 1990 não eliminou as controvérsias sobre a quantidade de famílias assentadas⁷ e nem sobre a própria

pertinência de se criarem novas unidades familiares em um contexto de abertura comercial e acirramento da concorrência dos produtos agrícolas. Trouxe, no entanto, uma questão adicional, a discussão sobre a "qualidade" dos assentamentos que estavam sendo implantados, em termos de localização, de infra-estrutura geral e de disponibilidade de crédito, de modo a permitir que as famílias pudessem produzir e viver nessas áreas.

Em relação às características das famílias, Leite et al. (2004), em pesquisa que abrangeu 92 projetos em várias regiões do país⁸, constataram que mais de 80% já viviam na zona rural do mesmo município ou do município vizinho e 94% dos responsáveis pelos lotes tinham tido experiência agrícola ao longo da vida, sendo mais frequente (46% dos responsáveis por lotes) o trabalho como assalariado, seguido por arrendamento/parceria que compunham a experiência de 34% dos titulares de lote.

De acordo com os dados da referida pesquisa o solo foi considerado de boa fertilidade por apenas 23% dos produtores pesquisados. As condições de infra-estrutura mostram que há limitações para o desenvolvimento dos projetos: embora cerca de três quartos das famílias tenham recebido os créditos (fomento, alimentação e habitação), indispensáveis para dotá-las de um mínimo de condições iniciais para sua inserção social, econômica e produtiva, a liberação dos recursos demorou em média de 4 a 5 anos após a entrada das famílias na área. Além disso, o baixo índice de

famílias, pouco mais do que a metade da meta de 400 mil inicialmente prevista (INCRA, 2005; 2006).

¹Registrado no CCTC, IE-11/2007.

²Engenheiro Agrônomo, Doutor, Professor da UNESP-Ilha Solteira (e-mail: lazaro@agr.feis.unesp.br).

³Engenheira Agrônoma, Doutora, Professora da UNESP-Ilha Solteira (e-mail: maat@agr.feis.unesp.br).

⁴Engenheiro Agrônomo, Mestre, Professor da UNESP-Ilha Solteira (e-mail: coryong@agr.feis.unesp.br).

⁵Engenheira Agrônoma, Doutora, Professora da UNESP-Ilha Solteira (e-mail: emb@agr.feis.unesp.br).

⁶Engenheira Agrônoma, Doutora, Professora da UNESP-Ilha Solteira (e-mail: smalcost@agr.feis.unesp.com.br).

⁷No período entre 1995 e 2002 foi anunciado o assentamento de 524.380 famílias (INCRA, 2004). Ferreira (2005), citando dados do Sistema Sipra/Incra (05/2005), menciona que estavam em execução 6.451 projetos de assentamento com 552.709 famílias efetivamente assentadas. O Governo Lula assentou nos três primeiros anos 211.917

⁸As regiões pesquisadas, denominadas "manchas", por concentrarem grande número de assentamentos foram o entorno do Distrito Federal, Goiás e Minas Gerais; o sertão do Ceará; o sudeste do Pará; o oeste de Santa Catarina; o sul da Bahia e a zona canavieira do Nordeste (Estados de Alagoas, Paraíba e Pernambuco), totalizando 39 municípios.

assistência técnica regular vinha comprometendo a produtividade das culturas (LEITE et al., 2004).

Artigo publicado por Heredia et al. (2002), sobre a mesma pesquisa de Leite et al. (2004), mostra que em 78% dos projetos (e não dos lotes) pesquisados há disponibilidade de energia elétrica, 86% possuem escolas (77% delas multi-seriadas), mas 46% dos lotes enfrentavam problemas com a água (falta ou baixa qualidade) e somente em 18% dos assentamentos todos os lotes são acessíveis o ano todo.

Ferreira (2005), com base em dados do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), confirma essa situação de precariedade dos assentamentos: três de cada quatro projetos ainda dependem de providências essenciais para sua consolidação, muito embora tenham sido criados há vários anos.

Apesar dessas deficiências, em 42% dos assentamentos pesquisados por Leite et al. (2004) a produtividade é superior à média municipal (para um produto significativo para aquele assentamento); em 10% igual à média; e 48% apresentaram menor produtividade do que a média dos estabelecimentos do município.

Porém, vários trabalhos como o da FAO/PNUD (1992); Ferrante; Barone; Bergamasco (2005); Leite et al. (2004) e Medeiros e Leite (2004) também destacam a melhoria da condição de vida das famílias após o assentamento.

Além da melhoria nos rendimentos que vêm obtendo, há melhorias nas condições de habitação, tanto objetiva como, subjetivamente, uma vez que permite acesso à casa própria e ao desenvolvimento de amplas ações comunitárias. A alimentação ganha em qualidade, pois passaram a dispor de mais e melhores alimentos (FERRANTE; BARONE; BERGAMASCO, 2005, p. 52).

O desempenho dos assentamentos, no entanto, não pode fundar-se numa análise que se limite aos aspectos monetários e nem mesmo ao exame de dados estatísticos sobre as condições de vida. Os assentamentos apresentam uma realidade complexa e dinâmica, em constantes mutações, onde diferentes projetos são construídos e expectativas geradas, estratégias familiares são redefinidas em inter-relação a uma série de fatores ligados ao contexto regional, às políticas públicas, à organização interna, aos mediadores e aos recursos naturais; fatores nem sempre passíveis de mensuração (BERGAMASCO e FERRANTE, 1998).

Deve-se destacar que os assentamentos sofrem os efeitos excludentes do capitalismo, mas também não são meros espaços de passividade, em seu cotidiano os assentados constroem novas relações sociais, recriam antigos laços de solidariedade e lutam por seus direitos. Apesar das pressões internas e externas, algumas experiências resistem ao tempo, sofrem metamorfoses, mas continuam a luta para a criação de estratégias (BOURDIEU, 1990 e 1994) próprias que sejam capazes não só de fornecer renda às famílias, mas responder também pela construção de determinados modos de vida (LOBO, 1992). Representam não apenas a busca de condições materiais adequadas de vida, mas também a realização de desejos e sonhos (MARTINS, 2003).

3 - METODOLOGIA E TÉCNICAS DA PESQUISA

Neste estudo, adotaram-se como foco de investigação os assentamentos acompanhados pelo Grupo de Trabalho de Campo (GTC) de Andradina do Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP)⁹. No total são 11 assentamentos e 938 famílias assentadas.

Após discussão com técnicos do ITESP e do INCRA da região e com base nos objetivos do trabalho, foram excluídos dois assentamentos de implantação mais recente (São Joaquim e Terra Livre), e o Primavera, mais antigo, por ter se descaracterizado¹⁰ parcialmente. Dentre os oito projetos restantes, quatro foram pesquisados no âmbito de uma pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Timboré, Esmeralda, Orlando Molina e São José II) e os outros quatro por meio de uma pesquisa financiada pelo CNPq (Anhumas, Aroeira, Belo Monte e Rio Paraná). As pesquisas adotaram metodologias semelhantes, a única diferença foi que no caso da FAPESP as famílias pesquisadas representaram de 20% a 30% do total de cada assentamento (mais de 100 famílias, 20%; 50-100 famílias, 25%; < 50 famílias,

⁹O GTC de Andradina, juntamente com o GTC de Promissão, faz parte da Coordenação Regional VI - Noroeste, cuja sede também é em Andradina. Dentre os assentamentos não pesquisados o Primavera tem 210 famílias, enquanto o São Joaquim e o Terra Livre, ambos têm 41 famílias.

¹⁰No caso do Assentamento Primavera as famílias receberam o título definitivo dos lotes, o que resultou na venda de parte ou da totalidade de vários lotes para terceiros que transformaram essas áreas em sítios/chácaras de recreio.

30%); enquanto na pesquisa CNPq foram pesquisadas 30% das famílias de cada assentamento. No total foram realizados levantamentos junto a 169 produtores, durante os anos de 2005 e 2006. Quanto ao tamanho dos lotes não há uma variação muito significativa da área predominante (Tabela 1).

Para a definição das famílias pesquisadas na primeira fase (aplicação de questionários) solicitou-se ao técnico do ITESP responsável pela assistência técnica em cada um dos assentamentos uma lista de famílias que vinham desenvolvendo alguma atividade produtiva, residiam há pelo menos três anos na área e que não tinham irregularidade grave junto ao INCRA (abandono do lote ou arrendamento para pessoas externas ao assentamento). A partir dessas listas (maiores do que o número de famílias que deveriam responder o questionário) procedeu-se à pesquisa em cada um dos assentamentos procurando contemplar as diferentes atividades existentes e, atendido esse critério, a escolha foi realizada de forma aleatória.

Também foi aplicado um questionário específico aos presidentes de cooperativas e associações e para os representantes de outros grupos formais e informais dos assentamentos pesquisados (total de 20 grupos).

Após tabulação e análise dos dados dos questionários foram escolhidas diferentes experiências em termos de atividades produtivas, formas de comercialização e geração de renda e entrevistadas (depoimento gravado) 80 famílias dentre os produtores que responderam ao questionário (47,3% do total). O objetivo das entrevistas foi aprofundar a compreensão das estratégias adotadas pelas famílias no que diz respeito aos sistemas de produção e de comercialização.

Os dados apresentados a seguir, na forma de figuras, tabelas e percentuais, referem-se sempre ao universo das 169 famílias pesquisadas. A discussão dos dados e os depoimentos apóiam-se também nas entrevistas realizadas e no questionário aplicado junto aos grupos.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 - Características das famílias pesquisadas

A análise da faixa etária dos responsáveis pelo lote¹¹ indicou que 57,5% dos homens e

¹¹No total são 160 homens e 166 mulheres. A diferença

2/3 das mulheres possuem de 40 a 60 anos. Há um maior percentual de mulheres do que homens na faixa até 30 anos, de 41 a 50 e de 51 a 60 anos, enquanto na faixa acima de 60 anos o percentual de homens é de 23,8% e o das mulheres apenas 11,4%.

No que diz respeito ao número de filhos, no total são 153 filhos(as) com mais de 14 anos que moram no lote (em média menos de um por lote). Desses 87, 57% são homens e têm média de idade de 25 anos, enquanto 66 (43%) são mulheres e têm média de idade de 22 anos.

De modo geral a análise a partir do gênero indicou que não há diferenças significativas em relação ao grau de escolaridade do casal responsável pelo lote. As mulheres estudaram um pouco mais do que os homens: enquanto 37,4% das mulheres declararam ter estudado além da 4ª série do ensino fundamental; entre os homens somente 27,5% fez o mesmo. No entanto, o percentual de mulheres analfabetas é um pouco maior do que o de homens (Figura 1), devido possivelmente a diferenças entre gerações: enquanto as mulheres mais velhas tiveram poucas oportunidades de acesso à escola, as mais jovens tendem a estudar mais do que os homens, como forma de se preparar para assumir outras profissões (SILVESTRO et al., 2001).

A análise do grau de escolaridade dos filhos(as) maiores de 14 anos (incluindo os casados), que moram no lote, indica modificações importantes de uma geração à outra. Do total de 153 pessoas nessa condição¹² nos oito assentamentos, 69,9% estão cursando ou concluíram o ensino médio. Na geração anterior havia um gargalo após o primeiro ciclo do ensino fundamental, enquanto para a geração dos filhos é o acesso ao ensino superior que ainda é muito restrito dentre aqueles que permanecem no lote (se fossem considerados todos os filhos, o percentual de acesso seria um pouco maior, mas não modificaria essa tendência): somente 11 pessoas (7,2%) cursaram ou estão cursando uma faculdade (Figura 1).

O quadro de idade relativamente avançada de parte significativa dos assentados e poucos filhos morando com a família (em média menos de um com mais de 14 anos por família) traz algumas limitações em termos do tipo de atividade que são desenvolvidas e do grau de diversi-

deve-se ao fato de que em alguns casos não há um cônjuge.

¹²No total são 155 filhos que moram no lote, mas em dois casos não há informação sobre a escolaridade.

TABELA 1 - Características Gerais dos Assentamentos Pesquisados, por Município, Estado de São Paulo

Assentamento	Município	Área total (ha)	Total de famílias (n.)	Área do lote ¹ (ha)	Famílias pesquisadas (n.)
Anhumas	Castilho	1.350,9	63	15,0 - 16,5	20
Aroeira	Guaraçai	873,3	40	15,0 - 16,0	12
Belo Monte	Andradina	1.588,0	74	15,0 - 17,0	22
Rio Paraná	Castilho	2.208,7	92	15,0 - 16,0	28
Esmeralda	Pereira Barreto	2.096,3	85	15,0 - 19,0	21
Orlando Molina	Murutinga do Sul	1.511,9	77	14,5 - 16,0	19
São José II	Guaraçai	877,6	39	14,5 - 16,0	12
Timboré	Andradina/Castilho	3.364,7	176	14,0 - 15,0	35
Total	-	13.871,4	646	-	169

¹Intervalo de área predominante.

Fonte: ITESP (2006).

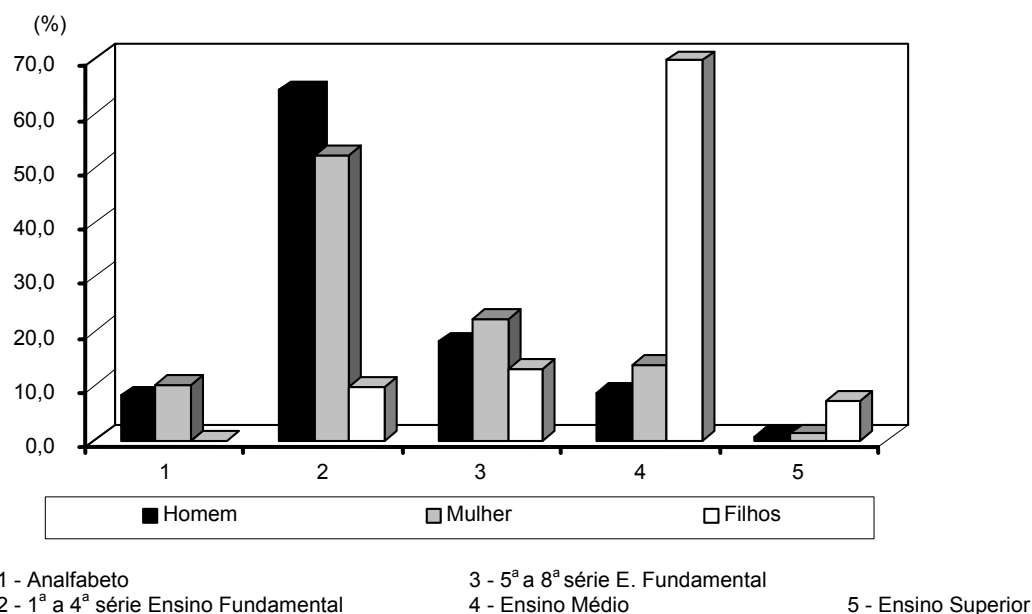


Figura 1 - Grau de Escolaridade dos Responsáveis pelos Lotes e dos Filhos Maiores de 14 anos que moram nos Oito Assentamentos, Região de Andradina, 2005/06.

Fonte: Dados da pesquisa.

ficação adotado no lote. Há uma espécie de círculo vicioso em que a insuficiência de renda leva os jovens a buscarem alternativas de trabalho fora do assentamento e esta mesma saída dos jovens limita ainda mais as atividades produtivas do estabelecimento, pois além da falta de mão-de-obra, a experiência dos pais na agricultura muitas vezes é insuficiente para conduzir de forma adequada novas atividades.

Um produtor que tem uma filha trabalhando na atividade leiteira (além de ajudar na ordenha, realiza todos os cálculos de ração, o

controle zootécnico e reprodutivo do rebanho), assim descreve a divisão do trabalho: “só que ela usa a parte do estudo dela e nós (ele e a esposa) com a mão-de-obra, porque nós é um pouco analfabeto, tudo é ela que orienta e nós faz...” (JAM, Belo Monte).

Outro produtor relata a saída de um filho para trabalhar fora do assentamento e como ele julga que é possível viabilizar a volta dele para o lote: “Ah, os meus filhos saíram daqui porque está difícil, eles querem um sapato bom, uma roupa boa, aí ele se casou e trabalha no Mato Grosso

[do Sul] (...) eu queria plantar mil pés de seringueira, uns mil pés de café, eu queria diversificar, plantar uns cinqüenta-setenta pés de pinha, que talvez por ano vai dar dinheiro, a seringueira é demorada, até a seringueira chegar, cê vai catando uma goiaba aqui, colhe uma pinha, colhe um saco de café, você vai melhorar, apesar da gente estar bem da idade, mas vai fazer para os filhos voltar, tenho certeza que os filhos voltam para uma atividade melhor, se der uma rendinha que der pra eles saírem do emprego lá e se manter aqui, eu tenho certeza que eles voltam!" (JAS, Esmeralda).

Quanto maior o grau de escolaridade dos filhos aumenta a possibilidade de sucesso na busca de um emprego fora do assentamento, um produtor cujo filho está terminando o ensino médio, ao ser questionado sobre a permanência dele no lote, comenta: *Termina este ano, mas a idéia dele é...ir embora, já tá querendo arrumar serviço já...e agora quero ver se eu enrolo ele, vou comprar uma moto para ele para ver se ele fica mais um tempo aí (...) se não a idéia era de ir embora...* (VLS, Timboré).

Como se pode observar os pais buscam articular várias estratégias para manter os filhos no lote, pois eles são importantes para ampliar ou iniciar novas atividades.

Em todos os assentamentos a grande maioria dos titulares de lote (variou de 77,3% no Belo Monte a 100% no Aroeira) teve algum tipo de experiência de trabalho agrícola antes de entrarem na terra. No Assentamento Timboré, no entanto, mais da metade dos produtores também exerceram atividades não-agrícolas (o produtor podia apontar mais de um tipo de experiência anterior), sendo quase sempre exercidas por longos períodos antes de iniciar a luta pela terra (basicamente o grupo de Campinas)¹³.

A figura 2 detalha o tipo de experiência agrícola dos titulares de lote pesquisados e apresenta o percentual médio de produtores que exerceram trabalho não-agrícola antes de entrar na luta pela terra.

A análise desses dados permite afirmar que os assentamentos, além dos aspectos produtivos, têm cumprido uma importante função de inclusão social, pois as ocupações agrícolas anteriores com maior frequência são de trabalhador rural diarista (bóia-fria) e de empregado rural mensalista, a primeira, extremamente, precária e

a segunda também sujeita à baixa remuneração. Além disso, a quase totalidade da experiência de trabalho não-agrícola (30,8% do total) está relacionada a atividades de baixa remuneração e/ou precárias, o que reforça essa constatação.

4.2 - Características do Lote e da Produção das Famílias Pesquisadas

4.2.1 - Produção animal

A pecuária leiteira é a principal atividade produtiva de todos os assentamentos da região. Dentre os produtores pesquisados apenas três não possuem bovinos e outros três não possuem gado leiteiro.

Todos os assentamentos da região de Andradina, criados até 2002, tiveram um ciclo de plantio de culturas anuais, especialmente, o milho, algodão e feijão, semeadas com o intuito de comercializar a maior parte da produção. A área ocupada por essas culturas era muito expressiva, mas regrediu na segunda metade da década de 1990, devido às perdas de produção (motivadas por mudanças climáticas, novas pragas e doenças) e à queda de rentabilidade. Diante desse quadro, o ITESP passou a recomendar que os produtores aplicassem o crédito de investimento na pecuária leiteira (aquisição de matrizes e materiais de infra-estrutura).

No início da década de 2000, a exigência de granelização do leite (Instrução Normativa n. 51, de 18/09/2002, do Ministério da Agricultura) colocou um novo desafio para os assentados. A granelização que em princípio foi apontada como um fator de exclusão do pequeno produtor, nos assentamentos rurais da região levou à criação de vários grupos informais e depois associações ou cooperativas em torno de tanques de expansão (que mantêm resfriado o leite). Embora tenha sua origem em uma estratégia da agroindústria que exigia o resfriamento do leite e em contrapartida oferecia financiamento para aquisição dos tanques; os assentados ao atuarem de forma organizada conseguiram se beneficiar dos prêmios dados pelo volume de produção¹⁴.

Na época da pesquisa, os produtores

¹³Somente no Assentamento Timboré é significativo o percentual de famílias de fora da região de Andradina.

¹⁴Pois cada cooperativa ou associação era considerado como um único fornecedor. O início desse processo no Assentamento Timboré pode ser visto em Simões (2001) e Sant'Ana et al. (2003).

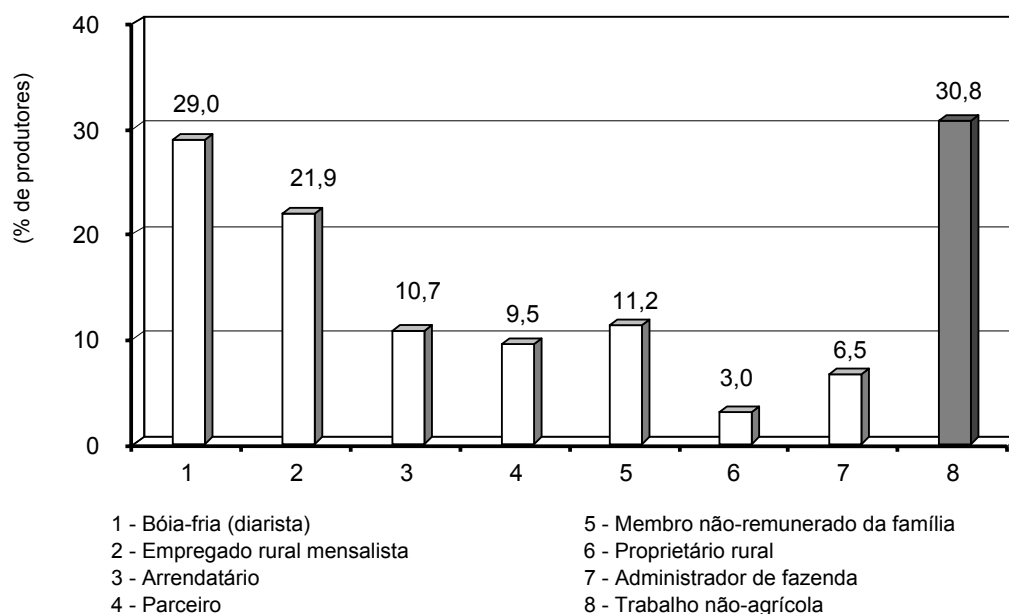


Figura 2 - Ocupações Anteriores dos Titulares dos Lotes Pesquisados nos Oito Assentamentos, Região de Andradina, 2005/06.

Fonte: Dados da pesquisa.

comercializavam a produção de leite por meio de cooperativas e associações organizadas em cada assentamento (exceto no Assentamento Belo Monte). A COAPAR (ligada ao MST) atua regionalmente e está presente em cinco dos assentamentos pesquisados. A maior parte do leite é repassado das organizações dos assentados para a Nestlé. O Laticínio Tânia (Guaraçai) compra diretamente leite em quatro assentamentos (no total cerca de cem produtores).

Dentre as famílias pesquisadas o tamanho do plantel de bovinos variou significativamente, porém um percentual maior de produtores declarou possuir entre 21 e 40 cabeças de animais (na média geral são 44,4%), outros 19,7% possuem de 41 a 60 cabeças e apenas 11,2% possuem mais de 60 cabeças. Por outro lado, 24,7% possui até 20 cabeças, sendo que o maior percentual desses produtores é do Assentamento Anhumas, um assentamento de implantação mais recente.

Vários produtores mencionaram com satisfação o fato de terem ampliado seu rebanho em relação àquele adquirido com recursos do INCRA (na época do PROCERA ou, mais recentemente, do PRONAF Investimento), pois ter um número de animais disponíveis para venda tam-

bém funciona como uma “poupança” e lhes dão maior segurança para investir, tomar empréstimos ou mesmo para cobrir alguma despesa inesperada.

A média de produção diária de leite também variou bastante dentre as famílias pesquisadas: a maioria (54,4%) produz entre 20 e 60 litros diários, sendo que o subgrupo de 20 a 40 litros é o que abriga o maior percentual (29,2%). Produção acima de 80 litros diários (média anual) é obtida por apenas 21,7% dos produtores e acima de 150 litros diários é restrita a 5% dos pesquisados nos oito assentamentos (Figura 3).

A produtividade diária média de leite por vaca ordenhada dentre os produtores pesquisados pode ser observada na figura 4. A maior parte (44,4%) dos produtores apresenta produtividade de 4,1 a 6,0 litros diários por vaca ordenhada, 18,8% de 6,0 a 8,0 litros/dia e somente 13,8% têm obtido produtividade média por vaca acima 8,0 litros/dia. Por outro lado, um percentual significativo dos produtores (23,2%) apresenta produtividade muito baixa, de até 4,0 litros/dia por vaca.

A média geral anual dos produtores de leite pesquisados é de 5,8 litros/dia ou 1.305 litros por vaca/ano (já que em média o período de lactação é de sete a oito meses ou 225 dias) e se

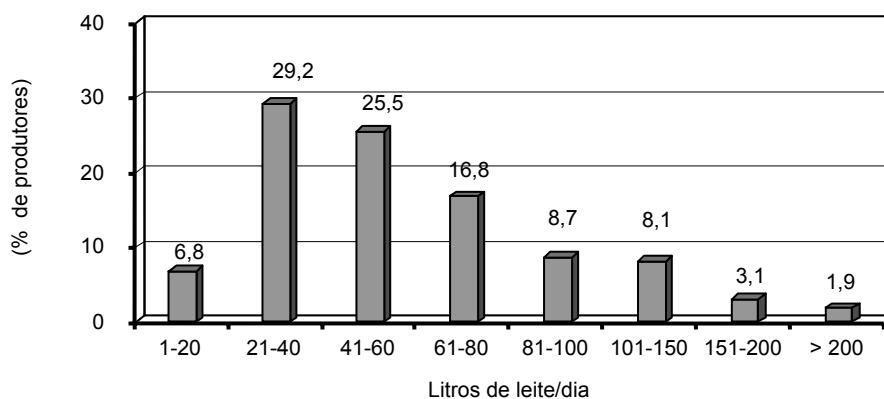


Figura 3 - Distribuição Percentual dos Produtores de Leite Pesquisados, de acordo com a Quantidade de Leite Produzida por Dia (Média Anual) nos Oito Assentamentos, Região de Andradina, 2005/06.

Fonte: Dados da pesquisa.

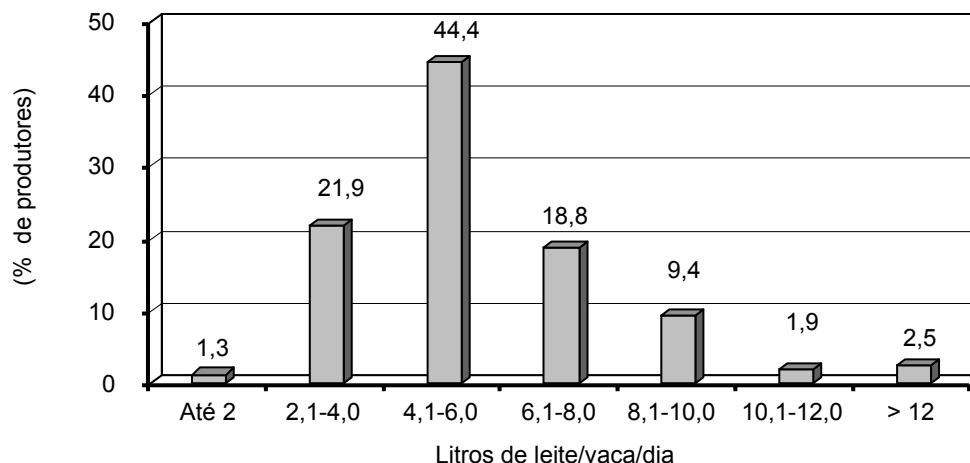


Figura 4 - Distribuição Percentual dos Produtores de Leite Pesquisados em Função da Produtividade do Rebanho nos Oito Assentamentos, Região de Andradina, 2005/06.

Fonte: Dados da pesquisa.

comparada com a média brasileira e estadual pode ser considerada boa, pois de acordo com dados do IBGE (2007) a produtividade média nacional, em 2005, foi de 1.191 litros por vaca ordenhada e a média do Estado de São Paulo de apenas 1.066 litros por vaca¹⁵.

¹⁵Deve-se considerar, no entanto, que a média brasileira e do Estado de São Paulo é baixa quando comparada, por exemplo, aos estados do Sul do País, que apresentaram média de 1.932 litros por vaca ordenhada em 2005 (IBGE, 2007).

4.2.2 - Produção vegetal

As culturas anuais, como foi visto, eram as principais atividades desenvolvidas nos assentamentos da região, porém, em 2006, já haviam perdido em grande parte sua função inicial (produção de grãos ou fibras para comercialização).

A tabela 2 traz as principais culturas plantadas pelos produtores pesquisados. Em termos de culturas anuais a mais expressiva atualmente é o milho, semeado por 102 produtores, em uma área de 310,1ha; devido a sua grande versatilidade, integrou-se ao sistema de

TABELA 2 - Principais Culturas Anuais e Perenes em Termos de Número de Produtores e Área Plantada dentre os Produtores Pesquisados nos Oito Assentamentos, Região de Andradina, 2005/06

Cultura	Produtores (n.)	Área (ha)	Área média (ha)
Milho	102	310,1	3,0
Algodão	25	120,6	4,8
Mandioca	81	79,2	1,0
Feijão	38	63,1	1,7
Eucalipto	28	23,5	0,8
Quiabo	26	20,5	0,8
Manga	17	19,7	1,2
Abacaxi	8	15,2	1,9
Total	-	651,9	-

Fonte: Dados da pesquisa.

produção da pecuária de leite. Em seguida aparece o algodão cultivado por 25 produtores em 120,6ha. Na safra 2004/05, a área plantada de algodão foi maior, mas quase todos os produtores tiveram prejuízos (vários que fizeram empréstimos estão com dívidas), devido à queda de preços (quase a metade do valor nominal da safra anterior) e problemas de estiagem que reduziu a produtividade em algumas áreas.

A mandioca (79,2ha e 81 produtores) também presente em todos os assentamentos é cultivada basicamente para autoconsumo, mas nos Assentamentos Rio Paraná, Orlando Molina, Aroeira e em alguns casos do São José II é destinada também à venda. Essa cultura tem se mostrado uma opção rentável quando vendida diretamente para o comércio varejista ou mesmo para intermediários (*in natura* ou processada como farinha), mas o preço de venda da mandioca para a agroindústria teve uma queda acentuada em 2006 e nem mesmo ter um contrato com preço fixado previamente foi suficiente para garantir a remuneração do produtor.

O feijão foi semeado por 38 produtores em 63,1ha distribuídos em sete assentamentos (exceto o São José II). Além da variedade tradicional para mesa, o "carioquinha", são plantadas pequenas áreas do feijão adzuki (utilizado na culinária japonesa) que é vendido basicamente na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), em São Paulo, e o feijão catador que é comercializado na forma de vagens verdes, a maior parte diretamente ao consumidor, em feiras e, no caso do Assentamento Rio Paraná, nos ranchos de veraneio às margens do rio.

No Assentamento Timboré há um grupo informal de produtores que semeia a cultura

do quiabo há alguns anos, tendo se articulado para conseguir um caminhão que transporta o produto até à CEAGESP onde é vendido por consignação. Esse grupo tem se reunido, periodicamente, para discutir questões relativas à cultura e possíveis alternativas que o grupo poderia desenvolver. Dentre os produtores pesquisados, 26 cultivam o quiabo (20,5ha), sendo 12 (11,4ha) do Timboré e os demais do Anhumas e Belo Monte.

O eucalipto e a manga oferecem rendas esparsas, o primeiro a cada 4 ou 5 anos por ocasião do corte e o segundo quando o produtor consegue vender e receber a produção (o que tem se tornado cada vez mais difícil na região).

O abacaxi, plantado por oito produtores (15,2ha) nos assentamentos de Orlando Molina, São José II e Aroeira¹⁶ tem alto custo de produção e também apresenta maiores riscos para o produtor devido a doenças, problemas climáticos e preços. Em junho de 2006, o preço por unidade estava entre 35 e 40 centavos (30 centavos seria o preço limite para o agricultor familiar obter lucro, na avaliação dos produtores e técnicos).

Além das culturas que constam da tabela 2 apresenta alguma expressão o café (11 lotes), com um total de 15.600 pés. As culturas de: seringueira, urucum, sorgo vassoura, goiaba, mamão, mamona, pinha e pupunha são experiências isoladas, mas em alguns casos são fontes de renda importantes para as famílias.

A área de brachiária de 1.293,2ha mostra a magnitude que a pecuária (de leite) ganhou nos assentamentos da região (Tabela 3). Quando

¹⁶No município de Guaraçai, o cultivo do abacaxi é tradicional, sendo que se expandiu para municípios vizinhos como Murutinga do Sul, com predominância de grandes produtores.

TABELA 3 - Principais Pastagens e Forrageiras em Termos de Número de Produtores e Área Plantada dentre os Produtores Pesquisados nos Oito Assentamentos, Região de Andradina, 2005/06

Pastagens/forrageiras	Produtores (n.)	Área (ha)	Área média (ha)
Brachiária	136	1.293,2	9,5
Cana	97	104,2	1,1
Colonião	14	91,9	6,6
Tanzânia / Mombassa	29	113,5	3,9
Napier	43	31,2	0,7
Total	-	1.634,0	-

Fonte: Dados da pesquisa.

essa área é somada a outras pastagens e forrageiras quase atinge 1.634 hectares, enquanto a soma da área das principais culturas (mesmo considerando que parte delas não consta da tabela 2) não alcança 700ha.

Além da provisão de áreas suficientes e manejo adequado de capineiras e da cana forrageira, a diversificação do tipo de pastagem é um aspecto importante para melhorar a produtividade do rebanho, seja utilizando espécies melhoradas da *Brachiaria sp.*, seja de *Panicum maximum* como os cultivares Tanzânia e Mombassa (29 lotes; 113,5ha) que são utilizados especialmente na formação de piquetes (pequenas divisões de pasto).

A partir de palestras e da instalação de campos demonstrativos acompanhados por um pesquisador da Embrapa, com apoio dos técnicos de extensão rural da região, vários produtores assentados¹⁷ formaram piquetes, utilizando cerca elétrica. Esta técnica permite maior lotação de animais por área.

4.3 - Formas de Comercialização e Autoconsumo

Quanto à comercialização, no caso dos produtos de origem vegetal, o canal que aparece com maior frequência é o intermediário (32,0% do total de produtos comercializados). Já dentre os produtos de origem animal 29% são vendidos via cooperativas (basicamente o leite) e em se-

guida também aparece o intermediário (26,4%), especialmente nas vendas de bovinos (bezerros e vacas de descarte). As agroindústrias atuam principalmente na compra do leite e de alguns produtos como a mandioca (indústria de fécula, instalada em Castilho), o urucum e o eucalipto. As vendas realizadas ao consumidor e ao comércio varejista, quando consideradas em conjunto, também têm uma participação percentual significativa: 31,4% dos produtos de origem vegetal e 45,4% dos produtos de origem animal.

Um outro dado que mostra a importância da venda direta ao consumidor para os assentados é o número de famílias envolvidas nesse tipo de comercialização. Do total pesquisado (169 famílias) 51,5% realizam algum tipo de comercialização “diferenciada” (venda direta ao consumidor e/ou ao comércio varejista), sendo que 43,8% do total vendem direto ao consumidor por meio de feiras, de forma itinerante nas casas na cidade ou o consumidor busca no lote o produto. Três dos assentamentos pesquisados estão relativamente distante das sedes municipais, mas esse percentual de venda direta é superior ao que foi constatado por outras pesquisas¹⁸, como a de Leite et al. (2004).

Esses canais são denominados “diferenciados”, por serem predominantemente informais, no sentido dado por Wilkinson e Mior (1999), e por permitirem, mesmo quando não processam o produto, uma melhor remuneração do produtor.

A pesquisa não quantificou o volume total da produção de cada um dos canais de comercialização, mas as observações de campo permitem afirmar que os produtos comercializados diretamente ao consumidor e/ou ao varejo geram uma renda complementar importante para

¹⁷O ITESP estima que em torno de 110 produtores (do total de 938 acompanhado pelo órgão) implantaram pastejos rotacionados, sendo que nove campos tiveram ajuda direta do ITESP (doação de materiais) e possuem a função de unidades demonstrativas. Nenhum, no entanto, é acompanhado diretamente pelos pesquisadores da Embrapa que preconizam essa técnica, pois os produtores têm dificuldade de seguir todas as recomendações preconizadas.

¹⁸Leite et al. (2004, p. 173) somente observam uma participação relevante da comercialização direta nos assentamentos do entorno do Distrito Federal.

a maioria dos produtores e mesmo quando eventual, não é desprezível, pois é utilizada quando a família passa por alguma dificuldade. Em alguns lotes, no entanto, trata-se da principal fonte de renda. São os produtores que vendem os produtos diretamente nas residências dos consumidores das cidades ou do próprio assentamento, nas barracas das margens da Rodovia Marechal Cândido Rondon (SP) ou em feiras semanais em Castilho, Três Lagoas (MS) e Andradina ou feiras eventuais promovidas pelos órgãos públicos como o ITESP e o INCRA. Os principais produtos comercializados dessa forma são as olerícolas, as frutas e os produtos processados artesanalmente, como farinha de mandioca, polvilho, chipa de polvilho, doces de frutas e de leite (em pasta, compotas e cristalizados), geléias, pães caseiros e conservas de pimenta; além dos produtos de origem animal como frangos caipiras, ovos de galinha, porcos (leitões), carneiros e mel.

Quando à inserção no mercado os produtores relatam que há uma certa facilidade de colocação desses produtos, especialmente no caso de produtos processados. Uma família do Esmeralda produz doce de leite (pastoso e com frutas) e vende seus produtos nas barracas existentes na rodovia Marechal Cândido Rondon e em diversos outros pontos comerciais na região, além de participar de feiras eventuais. A filha que se encarrega das vendas assim descreve a quantidade vendida e o sistema utilizado: *"(...) Em tudo por quinzena 380 vidros [potes de 1kg], só na Rondon 80-90 vidros (...) tem barraca que é con-signado, tem barraca que eu entrego, dali quinze dias eu vou lá, eles me acerta, pega mais, é variado, eu dou liberdade para ele escolher...porque hoje tá difícil para todo mundo, mas eu cheguei toda quinzena lá, tá todo mundo doido (...) muita gente na semana que fica me ligando, oh, traz mais doce que eu tô sem doce"* (S-RLO, Esmeralda).

Em relação ao CEASA em São Paulo, vários produtores de olerícolas relataram que tiveram problemas, pois em determinadas épocas quando descontadas as despesas de embalagem, transporte e comercialização ficavam com saldo irrisório ou negativo. Um produtor de frutas e olerícolas, que embora tenha conseguido um bom ponto comercial para vender sua produção, considera que o mercado regional também é uma alternativa restrita, pois não há centros consumidores fortes na região: *"(...) eu*

mandei dez [caixas de pinha], sobrou dois reais e cinquentas, depois essas que eu vendi aqui por dez, doze, quinze, uma caixa de pinha por 20 reais, para que as pessoas revendessem, isso no atacado, só que tem um detalhe, isso daí não serve de base com o que aconteceu, porque se nós começar a produzir e vender no mercado de Andradina, vai intoxicar isso daí em dois dias, não serve de base..." (JMC, Timboré).

As limitações, na maioria dos casos, estão relacionadas à capacidade de produção e de manter a regularidade da oferta, à necessidade de manter o caráter artesanal do produto e às dificuldades de se conseguir o selo de inspeção sanitária.

Outro aspecto que cabe destacar é a importância que tem a produção no autoconsumo, para praticamente todas as famílias pesquisadas. Mais da metade (50,9%) dos produtores pesquisados destina cinco ou mais produtos de origem animal ou vegetal para o autoconsumo da família e/ou das criações. É um número significativo, pois não se levantou a produção do quintal no caso de produtos vegetais, quando esta não era comercializada.

A pesquisa não detalhou o valor total da produção para o autoconsumo, mas é muito relevante, o que pode ser constatado quando se analisa, por exemplo, o leite: dentre o total de produtores pesquisados, 87% utilizam este produto para o consumo familiar, sendo que são deixados em média 2,3 litros de leite por família, o que equivaleria a um gasto de R\$93,15 por mês (26,6% do salário mínimo vigente), caso este leite fosse comprado no comércio varejista (R\$1,35 por litro, em 31/08/2006)¹⁹.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados da pesquisa realizada em oito assentamentos mostrou que para a grande maioria das famílias o acesso à terra trouxe-lhes uma melhoria importante nas suas condições de vida, pois uma parte significativa dos produtores vinha exercendo trabalhos de baixa remuneração e/ou precários como o de diarista rural (bóia-fria).

¹⁹O que ocorre muitas vezes é a insuficiência ou mesmo ausência do leite na dieta alimentar das famílias urbanas de baixa renda, quando elas não têm acesso gratuito ao produto.

O número de filhos que moram no assentamento em média é de apenas um por lote, mas apresentam melhor nível de escolaridade do que os pais, o que tem contribuído com a família no caso de adoção de técnicas mais exigentes em conhecimento formal e em atividades não tradicionais.

A principal atividade desenvolvida nos assentamentos pesquisados é a pecuária leiteira. A produtividade média alcançada pelos assentados é baixa (ainda que superior à média estadual), mas uma parte desses tem procurado melhorar sua eficiência produtiva. Os investimentos têm sido direcionados para a melhoria nutricional do rebanho e na adoção de um sistema de pastejo rotacionado mais intensivo. Parte dos produtores tem investido também na melhoria do padrão genético das matrizes e do touro, formando um rebanho de média especialização em leite.

Quase a metade do total das famílias adota formas diferenciadas de comercialização, como a venda direta ao consumidor e/ou varejo. Esta produção inclui produtos *in natura* ou proces-

sados artesanalmente, com base no conhecimento tradicional e/ou uma formação técnica adquirida. Na maioria dos casos essa estratégia é eventual ou descontínua, mas ainda assim importante para complementar a renda familiar. No entanto, para um grupo relativamente pequeno de produtores é uma das principais fontes de renda monetária (ao lado leite). A maioria dessas famílias tem uma renda expressiva com um volume pequeno e muitas vezes diversificado de produção.

Além disso, a produção para o autoconsumo que abrange vários produtos é muito importante para todas as famílias pesquisadas, pois permite reduzir os custos de produção de produtos comercializáveis. As estratégias das famílias assentadas possuem duas vertentes principais, embora não excludentes: uma dirige-se para uma melhoria da produtividade de uma atividade fortemente dependente do setor agroindustrial (o leite); e outra que busca alternativas diferenciadas de agregação de valor ao produto, especialmente a partir da comercialização em circuitos curtos.

LITERATURA CITADA

BERGAMASCO, S. M. P. P.; FERRANTE, V. L. S. B. No reino da modernização: o que os números do Censo da reforma agrária (não) revelam. In: OS ASSENTAMENTOS de reforma agrária no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 170-204.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234 p.

_____. Stratégies de reproduction et modes de domination. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n. 105, p. 3-12, 1994.

FAO/PNUD. **Principais indicadores sócio-econômicos dos assentamentos de reforma agrária**. Brasília: MARA, 1992. v. 1.

FERRANTE, V. L. S. B.; BARONE, L. A.; BERGAMASCO, S. M. P. P. A maioria dos assentamentos rurais em São Paulo: impasses do presente, dilemas do futuro. In: _____; ALY JUNIOR, O. **Assentamentos rurais: impasse e dilemas (uma trajetória de 20 anos)**. São Paulo: INCRA, 2005. p. 37-69.

FERREIRA, B. A reforma agrária no governo Lula. Balanço: 2003 a 2005. **Reforma Agrária**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 11-35, 2005.

HEREDIA, B. et al. Análise dos impactos regionais da reforma agrária no Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 73-111, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção da pecuária municipal 2005**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 1 fev. 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA. **Boletim da Reforma Agrária**. Disponível em: <www.incra.gov.br>. Acesso em: 28 out. 2005.

_____. **Publicações**. Disponível em: <www.incra.gov.br>. Acesso em: 5 out. 2004.

_____. **Relatório de gestão 2005**. Disponível em: <www.incra.gov.br>. Acesso em: 5 set. 2006.

INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - ITESP. Disponível em: <www.itesp.sp.gov.br>. Acesso em: 31 ago. 2006.

LEITE, S. et al. **Impactos dos assentamentos**: um estudo sobre o meio rural brasileiro. Brasília: IICA/NEAD/São Paulo: Ed. Unesp, 2004. 392 p.

LOBO, E. S. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social Revista de Sociologia**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 7-15, 1992.

MARTINS, J. S. (Coord.). **Travessias**: a vivência da reforma agrária nos assentamentos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. 296 p.

MEDEIROS, L. S., LEITE, S. **Assentamentos rurais**: mudança social e dinâmica regional. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. 308 p.

SANT'ANA A. L. et al. Estratégias de comercialização e geração de renda em dois assentamentos da região de Andradina. In: BERGAMASCO, S. M. P. P.; AUBRÉE, M.; FERRANTE, V. L. S. B. **Dinâmicas familiar, produtiva e cultural nos assentamentos rurais de São Paulo**. Campinas: Feagri/Unicamp/Araraquara: Uniara/São Paulo: Incra, 2003. p. 241-273.

SILVESTRO, M. L. et al. **Impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis, SC: Epagri/Brasília: NEAD/MDA, 2001. 102 p.

SIMÕES, A. C. **Assentamentos rurais e estratégias de comercialização**: o projeto Timboré (SP) Ilha Solteira, 2001. 80 p. Trabalho de Graduação (Agronomia) – Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, Universidade Estadual Paulista.

WILKINSON, J.; MIOR, L. C. Setor informal, produção familiar e pequena agroindústria: interfaces. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 29-45, 1999.

ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS ASSENTADOS DA REGIÃO DE ANDRADINA, ESTADO DE SÃO PAULO

RESUMO: O artigo analisa as estratégias de produção e comercialização dos produtores de oito assentamentos rurais da região de Andradina (SP). A metodologia consistiu na aplicação de questionários a 169 produtores e 20 grupos e na realização de 80 entrevistas com produtores. Foi constatado que a principal atividade, a pecuária de leite, tem baixo grau de tecnificação, porém parte dos assentados tem aumentado a produção/productividade do rebanho. Outras estratégias importantes das famílias são a utilização de formas diferenciadas de comercialização e a produção para autoconsumo. Para a maioria dos produtores o acesso à terra significou uma melhoria nas suas condições de vida.

Palavras-chave: estratégias familiares, produção e comercialização, assentamentos rurais, região de Andradina (SP).

**PRODUCTION AND COMMERCIALIZATION STRATEGIES FOR THE SETTLERS
IN THE ANDRADINA REGION, SAO PAULO STATE, BRAZIL**

ABSTRACT: *This article analyzes production and commercialization strategies of producers of eight settlement projects in the region of Andradina (SP). The methodology consisted of administration of questionnaires to 169 producers and 20 groups and the accomplishment of 80 interviews with producers. It was evidenced that their main activity, milk-cattle rearing, was characterized by a low technification level, even though a part of the producers has increased the production and the yield of their herds. Among other important strategies the families use are differentiated forms commercialization and production for self-consumption. For most producers, access to land meant an improvement in their life conditions.*

Key-words: *family strategies, production and commercialization, rural settlements, Andradina-region, SP.*

Recebido em 09/02/07. Liberado para publicação em 13/04/07.

Informações Econômicas, SP, v.37, n.5, maio 2007.